

JOÃO ANTÔNIO

**Malhação
do Judas
Carioca**



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Galeria Alaska

COPA, Copacabana dorme.

Parada, vazia, calada, a Avenida Nossa Senhora de Copacabana parece mais larga, escura, suja. De longe em longe, um e outro carro, ainda aceso na madrugada, rola no asfalto e corta, firme, para os lados de Ipanema. Aproveita a hora, corre mais. Os pneus cantam nos sinais, nas esquinas.

Copacabana dorme de todo. Mesmo nestes cantos do Posto Seis, os de maior movimento, rumor, amores espúrios, trampolinagens, esporros, idas e vindas na noite, Copacabana dorme. Ou antes, na palavra dos frequentadores da Galeria Alaska:

— A gente não dorme; desmaia.

À noite, conforme diz, a galeria arrepia. Agora, desceu todas as partes internas e laterais. Inda assim, vista de frente, da porta da Delegacia — a 13.^a falada, uma das arrelhadas da cidade — parece o último olho meio aberto, meio sonolento, ressecado na manhã.

Passa o caminhão leiteiro, um negro pula da carroceria para a calçada e a caixa de plástico, cheia, para o seu ombro. Leite é largado em saquinhos plásticos aos pés das portas de ferro dos dois bares laterais da galeria. Para o motorista:

— Vam'simbora!

Antes do negro trepar inteiro na carroceria, o caminhão já arranca.

O litro de leite sumiu do Rio, em seu lugar vieram os saquinhos plásticos, muito brancos, mais brancos a esta hora cinza, chumbo carregado, hora parada, neutra, a que os boêmios, os pederastas, os artistas da noite, as mulheres e seus cáftens, as curriolas da galeria chamam de rabo da manhã.

No outro extremo, Avenida Atlântica, os primeiros sinais laranja, amarelo, depois vermelho — os começos do sol. Da porta da delegacia não se vê o mar. Poucos vagabundos dormindo nas portas das boates ou das barbearias. Um gato passeia, rosna, se agacha, aproveita algum resto da noite, que na madrugada, muito louca e azoada, a galeria só sossegou depois de muita fervura, desmunhecamentos, tropel, esbórnia.

Um homem, quarenta anos, Otacílio, dez de galeria, vem de longe, do outro lado da cidade, do subúrbio bravo, Todos os Santos, muito calor, sol e mar nenhum. Carrega marmitta feito livro debaixo do braço, apanha trem da Central do Brasil e um ônibus para Copacabana. Gasta, só aí, quase dois cruzeiros — e para ele é dinheiro. Antes mesmo dos garis amarelos surgirem, vassouras e pás, ele mete a chave de ferro e, de um tranco, com vontade, ergue. A galeria, como a porta da barbearia, está aberta para o dia.

Desabotoa o blusão leve, fora das calças largas (é um suburbano, quarentão, magro e fora de moda), mete a túnica branca, senta-se, e esparrama a magreza, fica beliscando um calo da mão no lugar da tesoura, esperando os dois companheiros e a moça da manicure. Quinze faltando para as oito, vai ao comutador do ar refrigerado. Bufa:

— Eu, hein? Não sou leão.

É com sol, é com chuva. Janeiro, fevereiro, março ou abril, o Rio é este. Chova ou não. Canícula, de que só escapam os que podem passar o dia ou na praia ou em ambiente refrigerado. Mesmo chovendo, de que adianta os cronistas sofisticados da cidade, sabidos e badalados, escreverem que o remédio para o verão carioca é champanha francesa gelada ao meio-dia?

Gente como Otacílio bufa. E em Copa, a maioria é lisa, quebrada, prejudicada, lesa, classe média aparentando o que não tem. Veste camisa Pierre Cardin, legítima, calças de corte italiano, legítimas. Paga por isso. Vá ver, o bonitão acolá não tem dez pratas no bolso. E tome calorão.

Quando os companheiros de Otacílio chegam, já suados, a galeria ganhou vida. Moram, se escondem ou se penduram em Catumbi e em Cascadura, a moça da manicure também morava longe, Zona Norte, mas se mudou para Copa e se arruma num quarto-e-sala do Posto Um, onde vivem quatro, todas na luta do comércio. Umas, mais na pior, não almoçam; lancham. À noite, no fogão a gás, apertadinho entre pia e parede, fazem a janta. Depois, o calor é muito, saem para a rua.

A manicure come prato feito, do dia, chamado *pê-fe*, num dos dois restaurantes da galeria, desses de tamborete, apertadinho e ar morrinha, safado. Convidada por alguém, cliente ou paquera, vai a um restaurante de verdade dos que ficam na Avenida Atlântica. Há de ser ligeirinha, que tem no máximo, uma hora para almoço.

A hora é esta, doméstica, e a galeria, de um golpe, família. A outra barbearia, a casa de flores, a luvaria, a casa de máquinas fotográficas. O elevador do edifício sobre a Alaska, uma balança dos típicos, quentes, misturando uma variedade de gentes. A galeria já expõe movimento, falas, alegrias, homens varrendo, empregadinhas e babás mexendo carrinhos e sacolas, tipos descendo do elevador de serviço com apetrechos de praia, barracas, toalhas, chapéus, falsas madames guiando e guiadas por um e outro cachorrinho esquisitóide, do tipo estimação. (Estimou-se que Copacabana tem mais de duzentos e cinquenta mil cachorros e apenas quatro praças que podem receber este nome. Os cachorros disputam lugar com os pedestres nas calçadas). Um e outro pai de família, miúdo funcionário público, meio expediente, dos que levam filhos à praia ou fazem acompanhamento à feira ou ao supermercado, que a mulher também trabalha. Pai cooperante.

E na galeria há crianças e velocípedes, carrinhos de nenem. Brincam e passeiam o dia, enquanto o sol explode e os carros se multiplicam, velozes, nas duas extremidades da Alaska, acordada aos supetões, aos sustos, vinda das noites em claro.

Diz que a Alaska acende fugas, brigas, prisões diariamente. Tem uma das mais pesadas delegacias à sua direita. Um dos maiores *balanças* do bairro sobre a sua cabeça. A pior fama de Copa — no seu comprimento até gente morreu debaixo de porrada ou tiro. Tudo isso faz de Otacílio, um serviçal da luz do dia no Alaska, um cordial, mas dissimulado, medidor. Pé atrás, prefere prosas sobre futebol ou algumas pernas e ancas que passam. Como os botequineiros, como o florista, os porteiros do prédio, Otacílio se sabe, sabe, e se tranca. Não fala, desguia, descarta rente:

— À noite, aqui a coisa muda. Já mudou muitos desses dez anos. Dizem que a garotada que sai da Zona Norte, toma Copacabana como modelo prafrontex no Rio, e vem ver como que são as modas aqui, a onda. Tem aquela liberdade, n'é? Ninguém sabe da vida de ninguém. Fala-se que tem muito turista à noite, gente alegre, querendo se divertir e como vem com o dólar...

Sai do subúrbio às seis da manhã e pega trem entupido de gente na Central. Ganha quatrocentos e vinte cruzeiros por mês. Come de marmita requentada, tem três bocas para dar de comer em casa. Não fossem as gorjetas. Homem assim, não brinca em serviço. Já se toca que falou demais:

— Sei lá. Da noite, eu estou por fora, que saio às oito e me mando pra Todos os Santos.

Mas um, seu companheiro, Zezé, o que mora em Catumbi, desbocado e algo feminino por profissão, cabelo grande, confessa só atender pederastas, e é um bem sucedido:

— Nada. O salão, dia e noite, é o mesmo chaveco. Tem bicha bacana, média e pé de chinelo. Para todos os gostos. Conheço o cabelo das peças todas. Tem gente que senta aqui nesta cadeira uma e até duas vezes por semana. Não perco nem quinze minutos com as bonecas. Cobro o corte e tem que ser aquela groja,

que eu não estou aqui a fim de bancar a babá de sem-vergonha e nem pajear marginal. Não tenho nada com a vida deles. Alguns são casados, vivendo como marido e mulher e eu não me meto. São casados, se entendem. Agora, comigo, têm é que dar pra mão do artista, senão não tem corte legal, jóia, maceteado. Eu, hein?

Gente bronzeada, marrom de sol. Saindo três rapazes do elevador, sungas sumárias, chinelos, esteiras, toalhas, sacola plástica colorida na mão do mais moço. O menos moço terá uns vinte e dois anos. Aos cochichos, mais munheca do que mão, íntimos, fricoteiros, confidentes. Tomam rumo da praia. Para atravessar a Avenida Atlântica, aturdida, cortada por automóveis, vão atentos. Esperam e, primeira chance, dão-se os braços. O de camiseta vermelha se atrapalha, se atrasa. O de sacola colorida:

— Ih, Carmem! Você está podre de mole, hoje.

Acabou o beijo do mar com a areia em Copacabana. Do calçadão de Copacabana, ninguém mais vê as ondas quebrarem na praia, que é artificial e a beleza da outra, antiga, selvagem, ficou pra lá. Cinco da manhã, se é verão, o mar já recebe gente. Dez horas, praia cheia, atonetada.

Os três jovens estiram duas esteiras, deitam-se para o sol, muito aconchegados, corpos se relando. Antes, os cuidados com o corpo. Da sacola, o óleo de bronzear, o creme para o rosto. Então, seus movimentos ficam ainda mais femininos, milimetradamente. Os vizinhos olham e não. Nada assusta ninguém, é como lei — ninguém tem nada com a vida de ninguém em Copacabana. Um dos rapazes se levanta e, antes de procurar as águas, passos miúdos, quase na ponta dos pés, como as mocinhas de praia:

— Vou me molhar. Vou cair para pegar cor.

Retinir de pratos e talheres na galeria, cheiro de pratos feitos, molhos, algum jabá-com-jirimum, enchendo a barriga da Galeria Alaska, agora povoada nos tamboretas de seus dois restaurantes minúsculos. Gentes — um guarda-vidas, de sunga e negro de sol; um ou dois bombeiros; dois sujeitos de bermudas que moram no balanço da galeria; dois-três homens de

pastas na mão mas sem paletó e gravata, que até os executivos andam à vontade em Copacabana; duas estudantes, que se vê pela roupa. O resto são comerciantes miúdos das redondezas. O restaurante quente, o ventilador pequeno e insuficiente para o calor, não pára, o garçom não pára, como em qualquer restaurante doméstico do Rio a esta hora. O elevador do balanço vai despejando gente, que procura a praia e as avenidas.

Lá no ponto do ônibus da Nossa Senhora de Copacabana, o sol bate e rebate firme, de chapa. Quem colocar um termômetro no asfalto, não verá menos de trinta e nove. As calçadas apinhadas de gente e os carros proliferam como nascidos do chão.

Sete da noite, quando Copacabana troca de mão, num golpe, na muda de turma de garçons, barbeiros, balconistas, motoristas de táxi, botequineiros e o resto dos serviços, a luz elétrica acente o olho diferente, vesgo da noite na galeria. Há mudança de tom. O que cerca a Alaska também se transforma, fica de espreita — a delegacia, os bares das esquinas, a sinuca na Rua Sá Ferreira.

Uns, de ressaca; outros, não. Mal saídos do sono ou descansados e chegados da praia, um novo tipo, nova incrementação de homens e de mulheres começa a se mexer na Alaska dissimulada. É a hora quente, boca da noite.

É agora. Ou daqui para a frente. Diz que — na fala de sua gente — o que vai rolar de tóxico e de confusão não será mole.

Mas, na fala que ninguém diz, quem acompanhasse as três sungas, quase tangas muito avançadas daqueles três rapazes saídos do elevador, veria a maconha rolar antes. Unidos e arrumados a outra patota e trepados num jipe *hippie*, todo aberto, rosas enormes pintadas de vermelho e amarelo nas portas, jogando cores e sorrisos aos passantes, mandaram-se Copa para a Avenida Vieira Souto, já Ipanema, ganharam o Arpoador e, a pé, subiram as pedras da Praia do Diabo, onde foram dar uma bola, curtir uma, cada um muito na sua.

Fumacê. E é mais sagrado que o almoço ou o jantar. Todas as tardes, pouquinho antes do lusco-fusco. Os pederastas, grupinhos de cinco-seis, saídos da Alaska ou de outros escondidos e buracos de Copa, tocam para aquelas pedras e areias e vão ver o pôr do sol, debaixo de onda legal. Vão dar uma bola — o baseado, o fininho, o cigarro de maconha passando de mão em mão, boca em boca, sugado, mamado devagar, enquanto os olhos semifechados espiam o sol que morre na cabeça da Pedra da Gávea. Aquela paisagem naquele momento místico, a mesma exportada nos postais, o Rio para o mundo inteiro.

À noite, mesmos e novos rapazes, comporão com as lésbicas, nas duas entradas da Galeria Alaska, nos seus restaurantes interiores e laterais, nas barbearias abertas até meia-noite, nos bares acesos noite toda, e, no seu maior ninho, a boate *Sótão*, exclusivamente freqüentada por pederastas e lésbicas, triste com jeito de alegre, muita cor, por fora. Mas pungente, na intimidade.

Copacabana mito, a máscara jamais caiu de todo. População grande e cosmopolita, princesinha do mar, esgoto, cloaca, classe média decadente metida a besta, vale tudo, bairro independente, *hong-kong* cabocla, selva, mais um filhinho de dez anos batendo na mamãe, bairro escroto e mijado de cachorros, gueto enfiado na Zona Sul, prensado entre o morro e o mar. Muda todos os dias, paraíso do anonimato e do provisoriedade. Mas a máscara não cai. E Copa engana, amarrota, afana, apronta, estupora. Vai seduzindo e pungendo turistas, iludindo otários, colhendo desavisados, cobrando alto, fintando estrangeiros, brasileiros e cariocas.

A moçada sai da Zona Norte ou dos subúrbios lá longe, toma suas luzes como modelo de vanguarda no Rio — no bairro se sabe vestir bem, beber o melhor. E os meninos, cabeça cheia, começam a descer dos ônibus xexelentos, vindo do outro lado da cidade, o bravo e esquecido, onde moram três quartos das gentes do Rio de Janeiro. Sem praia e sem recreio. A meninada principia justamente na Galeria Alaska, certa de que com o físico, juventude, gingas e bossas,

conseguirá o melhor em mulheres, boates, facilidades e exuberância. E as donas, e as madames, a quem faltam machos de verdade, lhe darão tudo, até dinheiro. De comum, no entanto, a façanha é outra e, por falta de dinheiro, os rapazes do subúrbio começam deitando-se com pederastas. Não é apenas o papel pintado, o dinheiro que lhes falta; não têm companheiragem, amigos, meios de conhecer os outros. Mesmo assim, jovens, entram de rijo. Errado. Atraídos pelas mulheres bonitas, elegantes ou coloridas pelo sol, que para os olhos da Zona Norte são as melhores fêmeas do Rio, acabam deitando-se com homossexuais, por dinheiro. Uns acham que isso é passageiro, que só farão enquanto esperam dias melhores. (Tudo em Copa pode ser provisório).

A maré não muda. Daí para a frente, o resto da boa vida — é preciso manter a forma, a pele bronzeada custa muito banho de sol e de mar e quem vive na praia não tem tempo para trabalho. Uma saída é morar com os pederastas. Moram, enfiando-se em apartamentos da civilização de quarto-e-sala, também chamados balança. Se a situação apertada, o recuo à vidinha sem graça da Zona Norte seria, para eles, o fim. Manter-se em Copacabana a qualquer custo, é necessário aproveitar-se de velhos pederastas endinheirados, mal amados e que ninguém quer. Ou servir de mulher para algum deles — também é do jogo. A esta altura, o menino topa. De ativo a passivo, está marginalizado, viciado, moldado a um novo estilo de vida. O penteado mudou, a voz mudou, mudou o andar. Arrumou um nome feminino, de guerra, e deu para outros horários e companhias. Está na vida e não vai recuar. O subúrbio é longínquo, ele não quer mais nada com a Zona Norte, que não tem mar, nem camisetas coloridas, colares ou jipes abertos, sensação de liberdade.

Dez da noite e calor. Uma juventude tratada, matizada pelo sol, veste na onda, calças justas, boca de sino, camisetas coloridas, colares e cabelos *hippies*. O que vai e o que vem lá dentro da galeria é lerdo, com jeito de namoros invertidos, sorridentes, meio obscenos porque desbocados. Apenas os bares externos,

pela Avenida Nossa Senhora de Copacabana ou Atlântica, abrigam uma e outra prostituição de mulher. Lá dentro, a galeria ferve de pederastas e lésbicas. Exclusivamente. Tem beijo na boca, dado, sugado, molhado em público.

Os restaurantes externos vão varar até cinco da manhã. Na Nossa Senhora de Copacabana, à direita, um restaurante comum, sem nome famoso é um ninho de homossexuais pobres, que levam papo alegre com marginais, jogadores de sinuca, gente ligada ao jogo do bicho. Tudo defronte à delegacia.

Na Atlântica, o *Rio Jerez* é reduto de homossexuais ricos, ou por outra, bacanas, endinheirados na noite, comendo casquinha de siri, bebendo sangria ou chope e fricotando. O de Nossa Senhora de Copacabana é mais freqüentado, que é maior o número de invertidos pobres e cabe mais gente.

Ela, como outras. Elzinha Prejudicada, calça de homem, vinte e três anos, cabelo rente, repartido, cara lavada, dura, camisa jacaré dentro da calça, cinto sóbrio, chinelas de homem, magriça, cigarrinho no bico, movimentos decididos, os braços balangando, entra na galeria. Os luminosos das duas boates jogam cores — *Katakombe* e *Sótão*. Na última não entram nem homem, nem mulher. Só pederastas.

— Ô, rapaz!

Vai nesse tratamento o respeito que os camaradinhos de um dos restaurantes de tamboretas da galeria dão à sua inversão. Ela responde, séria, pede cerveja e risoto de frango. Como um homem:

— Copo gelado, compadre.

Bate a cinza do cigarro, faz um chamamento para o garçom, o restaurante está vazio e Elzinha Prejudicada precisa falar. Diz de uma vez só, garfo na mão. Abespinhada:

— Viu a Diva? 'Taí, sumiu, desde a tarde, e com a chave do apartamento, cara. Veja. Nessa transação de mulher, não se pode dar liberdade. É. Assim eu boto ela na rua. Some, leva chave, leva a grana. Ela 'tá folgando comigo e não sabe onde está se enfiando. Olhe aí, mulher não me falta, não. Cada vez que eu entro no *Alfredão* ou no *Piper* é aquele mulherio em

cima de mim. Chego em casa e é aquele monte de cartão com telefone, nome e os cambaus. Já viu, n'ê? Mulher não falta — sorri, meio despeitada, o dedo quase cutucando o peito do camaradinho garçom. — Pois é. Mulher é que nem folhinha da parede, você puxa um dia, tem outro atrás.

Bazófia, bandeira. Fala das idas e vindas da amante, rebelde às vezes. Suas conquistas no *Alfredão* e no *Piper*, duas frentes de lésbicas fora da Galeria Alaska, próximas ao Posto Seis, são reduzidas. Ela as exagera, que o "valor da transação está na propaganda".

Comerciária, Elza veste saia de dia, sapatos de mulher, pendura os brincos. Só não tolera pintura na cara ou nos olhos. A noite, enfia seus panos de homem, seus chinelos largos. Ganha mal na loja, mas mexe com maconha no balança da galeria, tem expedientes. Ela se defende, como na fala carioca — quem não se vira é tartaruga. Suas fêmeas, enquanto fixas, vivem no amor. Braço dado pra baixo e pra cima. Praia, cinema, *Alfredão*, *Piper*, galeria; juntas, como casal. ciúme não falta, nem cenas. Agora, Elzinha Prejudicada catará a sua Diva nos quatro cantos de Copacabana. E, quando achar:

— Vou dar aquele esporro — bate o cigarro, despeitada — vai acabar a vida boa da menina.

Vive, acaba sempre prejudicada pelas fêmeas que arranja. Daí, o apelido. Se Diva não aparece, Elzinha Prejudicada dorme na rua, ou de favor, em algum buraco. Se der azar, terá de se esticar num canto escuro da praia. Quieta, assustada, arrepiada. Apesar de se fazer de homem e de mexer com maconha, tem medo de baratas e de ratos.

Começam a transitar no corredor da Alaska, no meio do *footing* de invertidos, toda uma variedade de tipos miseráveis, mal ou bem vestidos, rolando na noite de Copa. Pedros das flores, repetidamente, de *smoking* ou não; vendedores de amendoim, músicos ambulantes e deprimentes, vendedores de bonecos de engonço, engraxates maltrapilhos, espertos batucadores na caixa:

— Vai um pano, doutorzinho?

Comum, na noite de verão, o aparecimento de ônibus de turistas, chegando lotados e descarregando gringos, a quem o carioca da região chama de fariseu ou tapioca. Fariseu porque é homem que está por fora das coisas, dos trabalhos da terra. Tapioca porque é muito branco e jamais toma sol. Bem, então, vinda não se sabe de onde e mais rápida que um susto, uma prostituição feminina começa a funcionar à larga na galeria. Um rótulo, para turista ver, começa a valer: lá fora, no estrangeiro, a carioca tem fama de sensual, mais mulher, muito meiga e dada a certas facilidades no amor, mediante nota encorpada.

O ônibus larga turistas. Na porta do cinema da galeria, o Alaska, uma fila onde se encontra o que há de mais elegante em homossexuais masculinos e femininos. Alguns, na fila, de mãos dadas.

Katakombe, a única boate da Galeria Alaska frequentada por homens e mulheres. Os turistas são depositados lá, o leão-de-chácara abre os braços à entrada e dá passagem, num sorrir respeitoso, cínico, quase debochado. Os estrangeiros descendo para o porão com ar refrigerado, falsas mulatas, falso samba, uísque, chope, amendoim, pipoca, pouca luz. Nota alta e dois *shows* na noite, às onze e uma da manhã.

— Meus amigos argentinos, venezuelanos, uruguaios, colombianos e americanos. *Buenas noches. Gudi naite*. E meus amigos brasileiros, aqui presentes, boa-noite. Este é o *show* do *Katakombe*.

Uma da manhã. O turista chegou, chegou o dólar, acabou-se o samba no *Katakombe*, na Galeria Alaska ou em qualquer canto da Zona Sul, Norte ou Centro do Rio de Janeiro. É água no vinho. Samba vira aquele chaveco remexido de lantejoulas, plumas, som espacial, falsas mulatas, falsos passistas, falsos capoeiras, luzes. Agradável para os olhos dos turistas.

Na madrugada da Alaska, o fluxo de turistas aumenta para dentro do *Katakombe* e uma lei se cumpre, chula, impiedosa, matreira. Para turista, qualquer coisa serve; ele deve ser assaltado. O *show* da casa decaiu e não conta mais, por exemplo, com um Sílvio Aleixo, que sem ser grande coisa, sabia apresentar o samba. O *show* está jogando com as luzes,

com as piadinhas para o público boquiaberto, abastalhado com as fêmeas mulatas, morenas e crioulas. Samba que é bom, no pé, não tem.

A mulata Salomé, isto aqui de pernas, toda esguia, toda comovida, carnuda até na boca, bom pedaço de abandonado-de-lar, está lá. Artista anônima da noite, firme no seu rebolado, o samba que ela tira seria bom não fora intervalo para o bate-papo com os visitantes, as piscadelas para os gringos. Tira turista para dançar e o gringo tropeça na pista, enquanto as outras garotas sentam no colo dos homens, requebram pertinho, mostram o calor da raça. Visagens, embelecões de passistas, capoeiras e ritmistas, firulas para turista ver e pagar. Quem nunca viu crioulo sambar com pandeiro no vão das pernas acha bonito.

O *Katakombe* chegou a ser exceção na galeria, pela qualidade do chope e do samba razoável. Atraía boêmios de verdade, gente vivida na noite. Mesmo plantado na Alaska, antro de confusão e pederastia, a casa sustentava uma tradiçõzinha. Gente decente baixava lá para os *shows* da madrugada. Ainda decadente, é uma casa carioca e tem seus fiéis. Como em outras boates da Zona Sul, oferece uma feijoada nas tardes de sábado. A marca carioca vai aí — enquanto noutras cidades brasileiras, se vive em colônias, fechadas e impenetráveis, no Rio há os grupinhos, as patotas, igualmente fechadas como numa aldeia. Só entra na feijoada do *Katakombe*, aos sábados, quem for da turma. Ponto curioso é que mulheres jovens não comparecem; apenas coroas, velhotas. Terminada a comida e a bebida, a coisa vira baile. E, se não fosse bom, ninguém repetia.

Duas, três da manhã. O *show* de luzes espaciais corre falso no *Katakombe*.

Na galeria, sopra rápido um vento soturno, que se espalha de boca em boca, fazendo de conta que ainda há tempo de jogar fora a maconha, os baratos e a bolinha. Pederastas e lésbicas se arrepiam:

— Tem arrastão.

É a batida, a limpa, *blitz* que vai levar, quando poucos, uns seis-oito para o xilindró. Basta estar carregado, isto é, portando qualquer coisa ou volume

que lembre tóxico ou maconha. Vai para o distrito, conferir de perto o que é e como. Havendo resistência, claro, tem porrada. Adianta? A Alaska não muda. Arrastão é costume diário e muito pederasta, lésbica, toxicômano de nome famoso — em geral, costureiros, bailarinos, modistas, gente do mundo artístico — tem ido parar no xadrez. Quem está no rolo, vai no arrastão. Feita a colheita, o carrão, camburão da polícia segue.

Rio Jerez, abrigo de homossexuais endinheirados do lado da Avenida Atlântica, é um bem comportado dentro do clima geral da galeria. A fama não lhe veio pela casquinha de siri, mas por ser um dos últimos que desce as portas na noite de Copa. Mistura de pederastas, boêmios, turistas, depois que outros bares fecham. Se é Carnaval, apresenta espécimes de invertidos fantasiados maravilhosamente. Fazem um capítulo as brigas de desmunhecados, com suas bolsas de mulher, muito elegantes nos trejeitos, esgares, roupas coloridas. Há tragédias passionais, mal disfarçadas ou reclamadas, rasgadamente, em público, aos gritinhos. Mas a casa tem *paella* e cozinha espanhola e frutos do mar razoáveis e, como sua vizinha, *El Faro*, é freqüentada por homens de algum gabarito.

Três e meia da manhã. O movimento e o rumor dos corpos magros e elegantes está no ponto, lá no interior da boate *Sótão*, apenas de homossexuais masculinos. Dança-se, rostos colados e se namora, tranquilamente, aos beijinhos.

Autos rareiam na avenida, a brisa marítima começa a esfriar, músicos ambulantes se mandaram, pedros das flores não passam mais, os meninos vendedores de amendoim sumiram na noite.

Só dois olhos abertos, pelo lado de fora da Alaska, quase deserta. O *Rio Jerez* e o restaurante dos pederastas pobres. Num, ainda se janta; no segundo, há *casais* tomando café com leite.

— Não enche.

Dois, marido e mulher, sentados numa das mesas do *Rio Jerez*, defronte a um prato de comida. Como um *cáften* e sua marafona. O que leva jeito de macho, devora a comida gulosa, gostosamente. Bebe sorven-

do, come sentindo. O outro, cara de cansaço e fome não tem direito sequer de tocar no prato. Segue cada bocado com olhos famintos, suplicantes. Mas deve obediência e engole em seco. O macho é quem manda, embora o cansado e faminto é quem vai pagar. É a lei.

— Não enche.

Na hora neutra da manhã, quem olhe as areias de Copacabana e caminhe um pouco por elas, vê espalhados, enrolados e encolhidos junto aos barcos da colônia de pescadores, corpos suados de gente maltrapilha ou bêbada. Aqueles dormem na praia.

Lá na linha do horizonte, à esquerda, sobre o mar, haverá um toque ainda indefinido, mas já sanguíneo, vermelho, inquieto. Mais tarde, aquilo será o sol.

Carlinhos, o Inconveniente

NUMA quinta-feira, dois de agosto, à noite, arrancaram um menino de dentro de casa. A moradia era na Rua Alice, 1606, maltratada, encardida, pintura externa descascada, contrastando por fora e por dentro com as vizinhas, vistosas e cuidadas, de gente melhor aquinhoadas. O seqüestrador parecia ter vindo para carregar a filha caçula da casa, Luciana, de três anos. Não a achou e levou um irmão de dez, Carlinhos, louro e bonito, conforme o *poster* da parede. O garoto usava só um *short* e estava adoentado, com diarréia. Noite, vinte horas e quarenta minutos, e fazia frio em Santa Teresa.

1 — GAROTO DE DEZ
ANOS VÊ E FALA

O carioca costuma dizer que macaco velho não mete a mão em cumbuca e diz que, o afobadinho come cru.

Mas a polícia e imprensa pareciam estar acima do nível popular. O nome de Carlinhos gritou nas

primeiras páginas. E, então, imediatamente cheios de habilidades e esperteza, com suas máquinas, sacolas, pressas, ciências, carros, buzinas e aparatos, a polícia e os atentos rapazes da imprensa conseguiram transformar em coisa pública e das mais comentadas da cidade, o local marcado para o resgate, esquina de Rua Alice com Giliostro.

(Até mesmo do ponto de vista do seqüestrador, isso seria inteligente ou ético?)

Assim, no horário marcado (duas da madrugada de 4/8/73) havia uma festiva consagração no local convencionado. Compareceram com o estardalhaço do costume, polícia e imprensa — uma, hábil; outra, atenta — com todo o aparato. Vendia-se pipoca, amendoim e sorvete nas proximidades como se se tratasse de algum novo festejo popular carioca. Vieram todos, solertes e sabidos. Só o seqüestrador não veio.

Os entendidos logo trataram de, na linguagem dos policiais, classificar o seqüestrador de *pé inchado*, primário e imbecil. E, muito naturalmente, um grosso amador. Simplesmente porque:

a) ele se esquecer de ordenar ao pai da criança que não comunicasse o caso à polícia;

b) o seqüestrador seria inábil ao escolher local de fácil fiscalização e que não permitia uma escapada fácil;

c) a importância de cem mil cruzeiros era irrisória, denunciando um não-profissional de seqüestros.

Mas já no segundo dia do caso, todos — família do garoto, polícia e imprensa — não atentaram para um raciocínio simples: o seqüestrador viera buscar uma menina de três anos, Luciana, que não poderia contar o que veria no convívio com os raptos. E levou um menino de dez, um dos mais vivos e impossíveis daquelas redondezas de Santa Teresa, conforme testemunharam seus companheiros de peladas, capacitado a ver e falar de tudo o que visse a partir do momento em que lhe deram sumiço. Carlinhos passou a ser um perigo na mão de seu raptor.

2 — OS TROTOS, OS ERROS, AS PIADAS

O povo-povo dos morros cariocas diz que o falador se dá mal no mundo.

Mas Carlinhos passou a ser inconveniente não só para quem o seqüestrou. Já na altura do terceiro dia, Carlos Ramirez é um incômodo para todos. Família, polícia e imprensa estão mal colocadas. A família falara mais do que a conta, chegando à ingenuidade de pedir à imprensa que divulgasse o número de seu telefone no Leblon. E, por falar muito, teve sua vida vasculhada nas intimidades. Escreveram-se coisas lamentáveis e pesadas, envolvendo adultério; foram lançadas pressuposições baixas, falando em amantes, contrabando e aventuras.

No tal telefone começou a surgir de tudo. Pessoas davam informações inverídicas, gemidos de crianças simulando tortura física, xingos, deboches cruéis do tipo: “Carlinhos já era”. Indivíduos passavam por raptos e marcavam locais e horários para resgate. Trotos e rebates falsos enchiam mais de tensão o apartamento do tio de Carlinhos, na Rua João Lira, no Leblon.

Carlinhos, um inconveniente para a polícia. Pelo delegado Peçanha, da Delegacia de Roubos e Furtos foi declarado no dia 6 de agosto: “Já sabemos quem é e onde está o seqüestrador. O seqüestro é quente e foi feito por gente de fora. E nos dias 7 e 8, o mesmo delegado, deixava que o pessimismo tomasse conta de tudo, só porque teria “interceptado uma mensagem do seqüestrador para dona Conceição, mãe de Carlinhos, que não conduzira a nada”.

Suspeitos foram detidos. Cléber Ramos, José da Silva, Abel Alves da Silva e Celso Vasconcelos dos Passos são presos e soltos. No caso de Celso dos Passos, com antecedentes criminais comprovados, a polícia depois de liberá-lo, acaba passando a caçá-lo através da mesma delegacia da soltura. Ele se parece incrivelmente com o retrato falado do seqüestrador, mas não é reencontrado.

A partir daí, repetidamente, a polícia se coloca em posições ridículas, grotescas (ela que tachara o seqüestrador de primário *pé inchado*). Policiais saíram às ruas fantasiados de doentes mentais e travestidos para encontros imaginários. O delegado Osmar Peçanha virou novo termo pejorativo da linguagem policial. *Peçanhada* passou a significar pixotada sem qualquer justificativa.

A Delegacia de Roubos e Furtos deu alarmes falsos, providenciou diligências inócuas e reconheceu, em breve momento de autocrítica, algumas incompetências flagrantes. A chegada do delegado Darci Araújo, titular da Roubos e Furtos, que tomou a direção do caso, não modificou resultados, embora tivesse usado outros métodos, os chamados "bate papos" informais *in loco*, com os cinco irmãos de Carlinhos, no interior da casa da Rua Alice.

Do ponto de vista da crítica azeda, a ação policial tornou-se uma piada de mau gosto, em que se ironizava que o caso Carlinhos era uma diligência que não acabava mais. Voaram também as moscas da fofoca e até a sexualidade de certos policiais, desfilando travestidos na cidade, foi colocada em questão. Um delegado pintava os cabelos de caju e um detetive usava peruca loira de mulher.

Um traço negro nas investigações dos suspeitos posteriores. Ranulfa da Silva e Maria Margarida da Silva teriam sido torturadas, "viradas pelo avesso", como registrou a cobertura policial dos jornais. A polícia, depois de tudo, conferiu um resultado sumário aos seus próprios trabalhos — não há pistas.

Igualmente para a imprensa, que fez o nome e fotografias do pai, mãe e avô pularem para as primeiras páginas, a figura do menino de dez anos, Carlinhos, passou a ser permanente inconveniência. Divulgou boatos e calúnias, deu crédito ao depoimento ridículo de um casal de surdos-mudos e, logo depois, se contradisse. Cavou em busca de sensacionalismo rápido e devassou (apenas a superfície, claro) de supostas ligações amorosas de João Melo e Maria da Conceição, pais do menino. Chegou a carregar contra ambos em momentos em que probleminhas pessoais deveriam

desaparecer diante do fato de uma mãe e um pai que apenas pediam o filho desaparecido. Animou suposições absurdas, engordou hipóteses desconexas e tropeçou, repetidamente, nas próprias pernas de sua culpa. Alguns jornais publicaram com destaque um desmentido muito discutível, o do suspeito Celso Vasconcelos dos Passos, cuja fotografia era semelhante ao retrato falado do seqüestrador. Em diversos lances, a imprensa acabou desvalorizando a sua credibilidade e o mínimo que fez, do ponto de vista sensacionista, foi interromper o trânsito doméstico (nas calçadas) e viário (no asfalto) da Rua João Lira, defronte ao apartamento do tio de Carlinhos, no Leblon.

A imprensa conseguiu, segundo um morador local, "transformar em carne de vaca um assunto sério que tratava do desaparecimento e risco de vida de um garoto de dez anos". Jornais, revistas e canais de televisão gritaram pelo menos três vezes estas três coisas terríveis: CARLINHOS MORTO — MATARAM OUTRO CARLINHOS — CONTRABANDO MATOU CARLINHOS.

Os alegres e atentos rapazes com suas máquinas e acuidades alimentaram-se durante meses do caso Carlinhos. E conseguiram contribuir com nada. Ninguém sequer escreveu uma palavra sobre as mães apavoradas acompanhando seus filhos às escolas, depois do sumiço de Carlinhos.

3 — O QUE FICOU DE TANTAS PALAVRAS

O povo do Rio também diz, que ninguém enrola uma criança e que é mais fácil ela dar um nó nos mais velhos.

Se Carlinhos incomoda a quase todos, também serve como elemento de brilho para outros e até de produto de consumo para terceiros.

Há uma verdade acima de tudo isso. Carlinhos, seqüestrado sem solução há tanto tempo, está flagrando a precariedade de todos nós — incompetentes,

levianos, despreparados, maledicentes, preguiçosos, presunçosos e até relapsos.

No meio de uma enfiada de suposições presumindo e até sugerindo um mundo ainda mais sórdido e violento do que aquele que cerca o caso, tido e havido como perdido, tudo ou quase tudo se tem escrito, espalhado, basculhado, virado e remexido e televisionado. Todos falaram e sempre houve alguém aproveitando para tripudiar sobre alguém ou alguma coisa.

Inocente, só o próprio Carlinhos. E no emaranhado todo, o menino fica como fica: desaparecido.

De tudo o que se falou, apenas dois garotos da Rua Alice, vizinhos mais pobres de Carlos Ramirez, tiveram palavras que não saíram cheias de hostilidade ou ressentimento e que, no fundo, representaram um fio de esperança, embora fraco, mas puro. Os garotos Zé Miguel e Dino, dezesseis e doze anos, os únicos que tiveram um recado de amor para o amigo seqüestrado. E que não precisaram brilhar a custa disso. Dino, o amigo de doze anos, falou pouco no campinho de futebol de peladas numa elevação da Rua Alice, naquela clareira onde Carlinhos costumava bater bola:

— Puxa, logo com o Carlinhos, que era legal às pampas!